

“Centrão” consegue maioria mas nega defender teses do Planalto

ALEXANDRE POLESÍ

Repórter da Sucursal de Brasília

Com um mês de trabalho, dois obscuros deputados do PFL, Ricardo Fiuza, de Pernambuco, e Luiz Eduardo Magalhães, da Bahia, conseguiram o que todos os articuladores políticos do Palácio do Planalto haviam tentado inutilmente durante todo o ano: formar uma indiscutível maioria conservadora e suprapartidária no Congresso constituinte, obrigando o deputado Ulysses Guimarães a recuar de várias decisões já tomadas, na semana passada.

Paradoxalmente, quando essa maioria surgiu, rechaçou qualquer vinculação com o governo e não tem compromisso com suas principais teses. “Sobre mandato e sistema de governo é proibido falar”, disse, na última sexta-feira, o deputado Ricardo Fiuza, 48. E mais: “o governo não vai pegar nem carona no nosso movimento, não aceitamos intromissão”. Batizado de “Centrão”, o movimento contabilizava o fim-de-semana apoio de cerca de 308 dos 559 constituintes —bem mais que a maioria absoluta de 280.

Esta maioria tem limites —e os próprios líderes do “Centrão” sabem disso. O movimento surgiu ao aglutinar descontentamentos generalizados de todos os 466 constituintes excluídos da Comissão de Sistematização (93 membros) que, por isso, querem mudar o regimento interno do Congresso constituinte, por se considerarem “constituintes de segunda classe”. Não há nenhuma garantia de que esta maioria será mantida nas votações específicas em plenário.

“Mas nosso movimento já atingiu seus objetivos políticos: mostramos, primeiro, que temos maioria, e, segundo, que a Comissão de Sistematização não representa todo o plenário”, disse Luiz Eduardo Magalhães, 32, na sexta-feira. O “Centrão” terá seu dia decisivo nesta terça-feira. Pressionado pelo movimento, o presidente do PMDB e do Congresso constituinte, Ulysses Guimarães, convocou uma sessão de todo o plenário para discutir a eventual mudança do regimento, através do projeto de resolução que será apre-



Deputado Ricardo Fiuza (PFL-PE), um dos articuladores do grupo “moderado”

sentado com assinaturas daquela maioria.

O movimento surgiu há um mês, disse Fiuza. Ganhou corpo a partir de uma constatação simples. Pelo regimento, uma matéria aprovada por 47 votos na Sistematização (maioria de 93) só poderá ser mudada ou derrubada em plenário por 280 votos. “Quarenta e sete votos da Sistematização valem mais que 279 votos do plenário”, disse Fiuza, com um argumento irresistível para todos os constituintes que tiveram suas maté-

rias particulares rejeitadas na Sistematização.

Fiuza e Magalhães começaram a formar grupos conservadores do Congresso constituinte em pelo menos meia dúzia de reuniões no Hotel Nacional de Brasília. Surgiu um comando formado por deputados como Roberto Cardoso Alves (PMDB-SP), Eraldo Tinoco (PFL-BA), Darci Pozza (PDS-RS) e Daso Coimbra (PMDB-RJ). Hoje, líderes “moderados” e governistas como José Lourenço (BA), líder do PFL na

Câmara; Carlos Sant’Anna (PMDB-BA), líder do governo na Câmara; e Expedito Machado (PMDB-CE), líder do “Centro Democrático”, o grupo conservador do partido, apóiam mas são caudatários dos demais líderes do “Centrão”.

Fiuza é advogado, pecuarista e empresário. Foi professor de Direito Comercial na Faculdade de Direito da Universidade Federal da Paraíba. É dono da Agropecuária Jaçanã, onde produz sorgo e mantém 2.500 cabeças de gado nelore. É sócio-gerente da Gravatá, indústria de alimentos de Pernambuco, e de outras empresas.

Está no seu quinto mandato. Elegeu-se deputado pela Arena, em 1970, foi para o PDS em 1982 e, hoje, é vice-líder do PFL. Fez parte do “Grupo Renovador” da Arena que, durante o governo Medici, defendeu o fim do AI-5 e apoiou Paulo Maluf à Presidência em 1985. Foi relator da Comissão de Defesa do Estado do Congresso constituinte e, sem que lhe seja perguntado, vai logo dizendo: “não tenho ligações com os militares”.

Magalhães

Luiz Eduardo Magalhães, filho do ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, foi o deputado federal mais votado na Bahia, em 1986, com 93.873 votos. Casado, três filhos, é bacharel em Direito pela Universidade Federal da Bahia. Foi deputado estadual pela Arena em 1978, aos 23 anos, e depois pelo PDS, chegando a presidência da Assembleia Legislativa da Bahia.

Magalhães, orientado pelo pai, foi um dos principais articuladores da operação que impediu que o PFL rompesse com o governo, na semana retrasada, durante reunião do Diretório Nacional do partido. Articulou o abaixo-assinado que garantiu a maioria da bancada do PFL no Congresso constituinte (131 deputados e 15 senadores) no apoio ao presidente José Sarney.

Magalhães define-se como um político de “centro-direita” e Fiuza considera-se de “centro”. Segundo levantamento da Folha publicado no caderno “Os Eleitos”, Magalhães é de centro-direita e Fiuza é de direita.